

VERDADE

ORGAM DE PROPAGANDA ANTI-JESUITICA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ANNO I

Florianopolis, 2 de Abril de 1903

N. 5

VERDADE

2-4-903.

Si ha um sentimento nobre e sublime, capaz de gerar heroicos sacrificios e ainda fazer pulsar os corações generosos, é de certo esse sentimento que nos anima para com a terra que nos vio nascer e que se chama—amor da patria!

Patria! palavra doce e commovente a que estão prezas as nossas mais caras affeições!

Patria! relicario sagrado que guarda os preciosos despojos dos seres que choramos e onde vivem os doirados sonhos das nossas esperanças!

Para que a nossa patria seja pujante e feliz é preciso que a esclareçam os raios luminosos desse astro fulgurante que se chama—Liberdade!

Assim como torna-se escravo o povo que esquece suas tradições, assim tambem morre a patria quando della desaparece a liberdade!

E' pois a vós, mocidade catharinense, que appellamos neste momento para que não vos deixeis vencer por esse inimigo feroz que, rasgando as paginas da nossa historia, tão rica em tradições gloriosas, procurando fazer-vos esquecer os feitos heroicos dos nossos antepassados, só tem em vista a fazer-vos perder o sentimento de nacionalidade para com mais facilidade poder escravizar a nossa patria.

Esse inimigo é o jesuita... Fugi do seu contacto como se fosse uma vibora, porque á semelhança desse reptil, elle rasteja, envolve, suffoca e mata!

Revoltai-vos contra o seu dominio, não toleréis que um governo anti-patriotico, esquecendo compromissos sagrados, vos entregue inermes a essas feras, de cujas garras ainda gotteja o sangue das desgraçadas victimas da «inquisição!»

Sede digna do nome brasileiro! Mostrai-vos, oh! queridos patricios, dedicados defensores desta terra que vos servio de berço e onde hoje o estrangeiro procura imperar como senhor, contando para isso com a traição dos seus falsos e renegados filhos e com o auxilio (vergonha é dizel-o) d'aquelles que se dizem:—governo!

Procurai para mestres aquelles que vos ensinam o quanto é nobre a missão do soldado que tomba nos campos de batalha com o peito trespassado pelas balas do inimigo da patria, e não aquelles que vos

aconselham o serdes inuteis á sociedade, nocivos á moral e a enclausurardes vossa existencia entre as estreitas paredes de uma cella.

Preferi a nobre blusa do soldado á negra batina do padre!

Negai-vos, juventude brasileira, ao ensino hypocrita e prejudicial do jesuita! Fugi á cumplicidade desse acto que fere a constituição da patria! Jamais consenti que o padre se apodere da vossa consciencia para vol-a escravizar!

Sede a esperança da patria e não o seu algoz!

Não deixeis nunca fenecer em vossa alma os sentimentos de independencia e liberdade—legado dos nossos avós!

Sede amigos desta terra onde pela primeira vez vistes a luz do dia e onde tambem vos foi dado conhecer as inefaveis doçuras do amor materno!

Velai pela sua integridade, pelo seu progresso, pela sua felicidade e jamais consenti que o conquistador estrangeiro calque aos pés o sólo sagrado tantas vezes regado com o sangue generoso dos vossos irmãos!

Sede dignos da patria e sereis dignos de Deus!

A bulla de Clemente XIV

«A companhia de jesuitas» foi, desde o principio uma seita politica e perniciosa,—como algumas «congregações mussulmanas» de que, em parte, Ignacio de Loyola copiou as regras e estatutos.

O Vaticano, abalado pela Reforma, teve necessidade de «aceitar» o jesuita. E o jesuita—porque entrasse em seus planos de «dominio absoluto», mal sentiu-se «aprovado», entrou a conspirar contra o Papado, que procurou subverter e collocar em «mãos seguras» (nas mãos dos membros da Conferencia).

—A Cruz do Redemptor foi um pretexto de catechese; catechisavam sim—e habilmente,—para auferir o trabalho dos catechumenos e enriquecer collossalmente os «cofres» da Companhia. Fizeram-se agiotas, emprestavam a juro, e com juro fabulosos.

—Subiam os degrãos dos thronos, faziam-se confessores dos reis e chefes das nações; não para chamal-os ao caminho do dever e ensinar-lhes os modos de felicitar os povos; mas, para se servirem dos governos como instrumentos de sua politi-

ca absorvente e tenebrosa. Quando a «sugestão» se tornou insufficiente, e já se haviam assenhoreado das «altas posições sociais, eliminaram os importunos e os rebeldes pela agua tofana e... pelo punhal!»

—A «eschola» foi sempre a base de suas operações. Era o meio mais effizaz de «perpetuar» a companhia...

...Ensinavam—com que paciencia, a principio; com que carinho!—não para fazer cidadãos; mas, para que se não «creassem» homens em antagonismo ás suas doutrinas, homens de talento que fossem seus adversarios..... O plano falhou..... E Voltaire deu-lhe uma lição tremenda!.....

Foram taes os crimes da Companhia, era tal o clamor popular,—que o papado teve de intervir. E Clemente XIV,—depois de ponderado e longo estudo—abolio a «Companhia dos Jesuitas»!

—Se alguma vez, em 20 seculos, o «Espírito Santo» inspirou alguns dos «successores» de Pedro (?) foi nessa occasião! Nesse momento o papa «foi infallivel»!... Entretanto outros papas instrumentos da «milicia negra» (os jesuitas) «aboliram» (?) o acto de um infallivel!.....—reduzindo a zero a «infallibilidade papal»!.....

O nome: «jesuita»—passou a ser synonymo de bandido, hypocrita, falsario etc.... E era um insulto (e ainda o é) chamar alguém: «jesuita»!.....

Entretanto os jesuitas se refizeram nas trevas (o seo elemento natural), e, de novo, arregimentados, «sonham» impôr-se aos povos, seduzindo os governos, galgando as cadeiras de professores, disseminados em numerosas «associações».....

Dizer,—por exemplo—«Verdade de S. Vicente de Paula» é o mesmo que dizer:—«Companhia dos Jesuitas».....

Habilmente (cuidado!) attrahiram a mulher..... O «confissionario» é a arma de predilecção com que ferem o espirito e coração das senhóras..... E, para melhor «suggestional-as», e «arrecadarem mais dinheiro» (a principal das «molas» de sua politica?),—crearam: as «Filhas de Maria», as «Filhas de Sião», o «Coração de Jesus», e ainda o «Pão de Santo Antonio», etc., etc., explorando a pretexto de «caridade», a bolsa dos paes de familia.....

As meninas, as jovens e as senhóras «ficam assim com o direito» (!) de usar «fittas azues, vermelhas», etc., e trazer suspensos do peito ou do pescoço, imagens, bentinhos, medalhas, etc. !... Triste farça!

O jesuita vae invadindo o Brazil; é, pois mais que tempo de lembrar ao povo quem são realmente os jesuitas. Para fa-

zel-o procurámos alguns «documentos» que não fosse obra de hereje, ateo ou livre-pensador. E, nada mais «orthodoxo», poderíamos achar e que mais deva merecer o respeito, o acatamento e a confiança dos catholicos-romanos do que a bulla de um papa.

Eis porque encetamos hoje a publicação do Breve de Clemente XIV.

Leiam-no e meditem; e vejam se, depois das razões de Clemente XIV, os «jesuitas» podem ser tomados a serio.

Dario Vellozo.

(Collaborador)

—«»—

Contestação ao artigo O „Mundo e a Igreja” publicado no jornal „A Verdade” sob nº. 17 de 29 de Março.

De desdobraimento em desdobraimento vem se perpetuando esta lucta em toda a humanidade, lucta entre a Razão que dignifica e o phanatismo que humilha, entre o bem e o mal.

De um lado a «Liberdade», da qual Jesus fez o seu maior pedestal; do outro esvoaça ao ar o estandarte satânico, rubro do sangue de velhos, mulheres e crianças, signal do orgulho, do mal e da oppressão.

Esta lucta que symbolicamente poderemos representar em uma fogueira, tem ardido, arde e arderá, até que a «Liberdade» consiga ser victoriosa em toda a humanidade.

E hoje volta com a impetuosidade do tempo de Nero.

De um lado nas universidades, nos parlamentos, nas escolas, nas reuniões scientificas e nas choupanas, ouve-se este grito—«Viva a Liberdade»—como se se dissesse viva Jesus; do outro, nos outros do crime, lá onde a sciencia não existe, ouve-se o grito de «Viva a oppressão», como se se dissesse viva o Anti-Christo.

Epocha houve em que a «Liberdade» ficou esmagada, quando uma sociedade secreta, que dominou o mundo por seus crimes, levantou entre os povos este grito «o inimigo é a Maçonaria!!!» Lá ao longe divisa-se uma fragil barquinha, com muitos tripolantes, a dormir estando o seo timoneiro.

Com impetuosidade as ondas se lançam contra ella, a borrasca ameaça submergil-a, seus tripolantes lançam altos gritos de dôr e eis que desperta o timoneiro, segura o leme e diz á tempestade «Parai».

O mar obedece e o vendaval cessa. Aos tripolantes falla o timoneiro e diz: «Porque estais com tamanho susto, homens de pouca fé».

Este batel, representa a «Liberdade», as ondas que vão quebrar-se ao seo costado são os seus adversarios, a oppressão e o crime, o litoral, para onde se dirige é a terra da promissão, a terra do amor. As primeiras ondas que contra elle investiram, foram a intollerancia «clerical», no tempo das «theocracias».

Fortes viram-se, não obstante, esmagados por ella a «Liberdade».

Povos foram dispersos por terem-na abandonado, e ella a «Liberdade» carinhosa lhes acena com seu pavilhão de reabilitação.

Que falle a gloriosa Polonia, que fallem seus filhos, que ainda nutrem a esperanza de sua reabilitação.

Onde estais oh vasto imperio dos papas Reis?

Qual gigante teus musculos abraçavão toda a christandade; gemidos e dores erão a musica em teu vasto imperio. A vertigem das alturas te cegou, cahistes e quem causou tua queda?

A «Liberdade».

Para esmagar outros povos, armam-se os crentes, debaixo da bandeira da cruz e á Palestina se vão em conquista de Jerusalem.

Victorias e derrotas assignalam sua marcha.

Por fim a «Liberdade» triumphava na Europa, com a emancipação das communas, em consequencia da miseria a que chegaram os cruzados.

Surge nova horda de barbaros. Tudo estaciona, tudo fenece, só dores e gemidos se ouvem.

Poderás tu oh «Liberdade» resistir ao embate dos carcereiros da inquisição?

Sim. Da inquisição só existe a infame historia e de pé se conserva a figura da «Liberdade».

Assim os flagellos se succedem e sempre risonha e candida, fica a figura da «Liberdade».

A força e a intollerancia são incapazes de derribal-a.

Esta verdade nós vamos encontrar não nas noites da historia e sim nos ultimos dias da humanidade.

Um homem o cardeal Lambertini, fez-se eger papa com o nome de Benoit XIV. Sua politica consistiu em fingir marchar com a «Liberdade». Assim resolveu amparar o papado com o talento de Voltaire, levantando para isso a censura sobre a tragedia do mesmo auctor o «Tananismo».

A Europa n'este momento jogava a cartada de vida ou morte. Benoit XIV desliga-se dos liberaes, e faz união com os jesuitas.

Para felicidade da especie humana existiam os Buffon, João J. Busseau, Diderot, D'Alembert, Duclos, Condillac, Helvecius e tantos outros, que se congregaram ao brado de Voltaire «Esmaguemos o infame».

Diderot lança-se a Encyclopedia, que preparou a gloriosa Revolução Franceza, que proclamou «Os Direitos do Homem».

Então a bandeira sagrada da «Liberdade» foi substituir nas ameias da Bastilha o trapo de 14 seculos de oppressão.

(Continúa)

—«»—

O patrimonio de S. Pedro

(M. Pinheiro Chagas)

Quando Sainte Beuve, depois de morto e enterrado, chegou ao outro mundo, ro-

deiou-o logo, como era de esperar, uma chusma de curiosos, que desejavam saber noticias frescas do que se passou cá.

—E os negocios da igreja? A questão do padre Jacintho? perguntou um defuncto mais bem informado.

—Eu lhes digo meus senhores: os magnates da igreja desfazem-se em doçuras com o padre Jacintho: «Vinde, filho transviado, cada vez vos temos mais affecto, dar-vos-hemos sopinhas de mel, mataremos o bezerro gordo: tornaes ao seio de vossos irmãos, que tanto vos extremecem».

E entretanto os periodicos clericos resmungam em tom menor: «Apostata, patife, renegado, há muito que nós previamos a mentira». Ora dize-me em consciencia; se o dono de uma quinta, todo assucarado e amavel, convida o viandante a entrar, em quanto o cão de fila, menos diplomatico, rosna e arreganha a dentuça, o que faz um homem prudente?

—Passa de largo.

—Foi d'essa opinião o padre Jacintho. Partiu para os Estados Unidos, dizendo apenas: «A mim não me embaçam que já fui da confraria».

—E o concilio?

—No concilio ha de se discutir, segundo creio, a questão do «patrimonio de S. Pedro».

O porteiro do céu, de chaves em punho, não dava attenção á palestra; mas, ouvindo o seu nome, levantou a cabeça.

—Que é lá isso? perguntou elle.

Sainte Beuve cumprimentou.

—Estava fallando no patrimonio de S. Pedro.

—Então eu agora tenho patrimonio?

—E dinheiro tambem, segundo parece, tornou Sainte Beuve sorrindo-se. Eu tenho ouvido fallar no «dinheiro de S. Pedro».

O apostolo ergue-se indignado.

—Dinheiro de S. Pedro! Saiba o senhor, que entrou no céu, nem eu sei como, que eu nunca tive nem meallia. O meu dinheiro era o dinheiro dos pobres. Ouro, que me passasse pelas mãos, transformava-se em allivio dos miseros e dos enfermos. Dinheiro de S. Pedro! Então lá na terra já não são lidas as minhas epistolas? Não disse eu aos pastores das almas, na epistola 1.^a, capitulo V, versiculo 2.^o: «Apascentae o rebanho de Deus que está entre vós, tende cuidado d'elle, não por força, mas expontaneamente segundo Deus: nem «por amor do lucro vergonhoso», mas de boa vontade».

E ha quem me atire com dinheiro ás faces!

—E o patrimonio de S. Pedro, isso que vem a ser?

—Vem a ser Roma e os Estados da Igreja, senhor S. Pedro, que os vossos successores possuem.

—Ah! os meus successores apanharam a herança de Nero, e chamam-lhe patrimonio meu?

Muito obrigado; já me confundem com a Besta do Apocalypse!

Saiba que o meu patrimonio não foi nunca senão o bordão de peregrino, e a

crúz do glorioso martyrio. Nunca tive de meu no mundo senão os sete palmos de terra em que me enterraram o corpo. Não conquistei os Estados, mas conquistei as almas com a palavra de vida, e foi essa a herança que leguei aos meus successores. Quando eu residi na capital do imperio, Roma e o Capitolio, o Colyseu e o Foro eram o patrimonio dos Cezares, mas as almas redimidas pelo Evangelho, consoladas pela minha voz, illuminadas pelo clarão do Golgotha, purificadas pela fé, sepe- lhos immaculados em que se reflectia o céu, eram o patrimonio pescador. O que chamaes Estados da Igreja era o patrimonio de Nero, o doce imperio das almas o patrimonio de S. Pedro.

Este artigo foi escripto em 1869.

—«»—

Breve de Clemente XIV

Para a extincção da Companhia de Jesus

«Clemente XIV etc.

«Nosso Senhor, e nosso Redemptor Jesus Christo, chamado o Principe da Paz pelo propheta, como tal se declarou, vindo ao mundo, primeiramente aos pastores por intermedio dos anjos, e depois, antes de subir ao céu, Elle proprio o annunciou duas vezes aos seus discipulos.

«Havendo reconciliado todas as cousas com Deus, seu Pai, pacificado, pelo sangue que derramou na Cruz, quanto ha sobre a terra e no Céu, confiou aos Apostolos o ministerio e a palavra da reconciliação, afim de que, completando a missão de Jesus Christo, que não é o Deus da discórdia, mas sim da Paz e da Caridade, annunciasse a paz ao universo inteiro, que trabalhassem com fervor, e por seu zelo e fadigas inspirassem a todos que foram regenerados em Jesus Christo, vivissimo desejo de conservar a unidade de espiritos nos laços da paz, e não fizerem mais do que um só corpo, nem mais do que um só espirito, assim como elles foram chamados por uma só esperança de vocação, á qual ninguem se pôde elevar, no dizer de S. Gregorio, si se não caminhar de união com o proximo.

«Desde o dia de nossa elevação á cadeira de S. Pedro, da qual eramos porventura inteiramente indigno, chamamos á memoria, e temos dia e noite presente aos olhos essa palavra e esse ministerio de reconciliação, que nos foi confiado por Deos mesmo de um modo mais determinado ainda; e havendo-os gravado profundamente no coração, temo-nos desvellado por exercel-o com a maior solicitude, chamando sem cessar em nosso auxilio, para o conseguir a assistencia divina, afim de que se dignasse de inspirar-nos, e mais a todo o rebanho do Senhor, ideas e sentimentos de paz e de mostrar-nos o caminho mais seguro de o alcançarmos.

«Convencidos, ao demais, que foi a vontade de Deus que nos collocou por sobre nações e reinos, para arrancar, destruir, dispersar, dissipar, construir e plantar; para cultivar a vinha do Senhor e sustentar o edificio da religião christã, de que Jesus Christo é a pedra angular, sempre

judgamos e cremos que se, para repouso e socego da christandade, nada nos era licito omitir de quanto fosse proprio a plantar e edificar, da mesma sorte, exigindo-o o laço de uma caridade mutua; nos cumpria estar promptos e dispostos a arrancar e destruir aquillo mesmo que mais agradável nos fosse, e cuja privação nos causasse amarga dôr, vivo desprazer e sentimento.

«Entre todas as cousas que mais contribuem a se alcançar o bem estar e felicidade da Christandade, tem por sem duvida o primeiro lugar as ordens religiosas, que em todos os seculos hão sido o sustentaculo e ornamento da Igreja e das quaes colheu ella sempre innumerns vantagens.

«E' essa a razão pela qual a Santa Sé Apostolica, não somente approvou e protegeu, senão que tambem as encheu de beneficios, e lhes concedeu isenções, privilegios e poderes, para as induzir, excitar e empenhar no cultivo da piedade e religião, para aperfeioar os costumes dos povos com a palavra e o exemplo, e para conservar finalmente, arraigar, e fortalecer a unidade da fé entre os fieis.

(Continúa)

—«»—

A NOSSO RESPEITO

Com a devida venia transcrevemos hoje o que a nosso respeito disse o «O Imparcial» que se publica em Tijuca, em seu n.º de 15 de Março findo.

Para nós é um motivo de jubilo o vermos o valente orgam tijucano compartilhar a nossa idéia, prestando-lhe o concurso forte e precioso dos seus applausos.

Luctando contra um inimigo forte e audaz, numa época em que tudo e todos perecem dominados pelo jugo do jesuita, muito precisamos de apoio, e de conforto para levarmos avante nossa missão.

«O Imparcial» manifestando-se favoravel ao nossó apparecimento, demonstrou ser um orgam independente e livre que igualmente visa o progresso da patria.

A elle nossos agradecimentos.

VERDADE

Este é o titulo de um novo periodo que sahio á luz da publicidade em Florianopolis.

Temos sobre a meza os ns. 1 e 2 d'este companheiro, que se dedica com forte energia de linguagem a propaganda—ante-jesuitica.—

Traz em seu n. 5 do corrente a—Resposta ao sermão do Revdo. P. Manfredo Leite.

Sua distribuição é gratuita.

De muito que precisavamos de um orgam que com efficacia combatesses as depredações, os cannibalismos; eis que apparece agora um, e este chama-se—VERDADE.—

E como dizer verdade é honroso, cremos que o valente orgam formará em breve um batalhão, diciplinado em ordem, para bater-se com os Jesuitas e tomar-lhes de assalto a posição que occupam entre nós, essa classe de padres ante-catholicos.

«Ces férs dés long-temps préparés, pour nous rendre á l'antique esclavage »! !...

SEculo XII

A historia do Papado no seculo 12 offerece uma larga serie de crimes e corruções infames.

O Cardeal Baronius, zeloso defensor dos Papas declara que parecia que o «anti-christo» governava a Christandade.

São Bernardo que viveu n'estes tempos deploraveis escrevia a Ganfrid: «Tenho tido desde muitos dias a satisfação de ver o piedoso Norberto e tendo ouvido algumas palavras de sua bocca, perguntei-lhe quaes eram suas ideias sobre o «anti-Christo»; elle me respondeu que esta geração seria certamente exterminada pelo inimigo de Deus, porque seu reinado tinha principiado.»

Bernardo de Morlaix, monge de Cluny, seu contemporaneo, escrevia igualmente: «Os seculos de ouro são passados; almas puras não existem, vivemos sob o ultimo dos tempos; a fraude, a impiedade, as rapinas, os shismas, as disputas, as guerras, as trahições, os incestos e os assassinatos desolam a Igreja. Roma é a cidade impura do cassador Nemord; a piedade e a religião desertaram de seus muros; o pontifice ou antes o rei desta odiosa Babilonia, calca aos pés o Evangelho de Christo e se faz adorar como um Deus.»

Emfim Honorins, padre d'Antum exprime-se sobre o clero com mais energia ainda: «Olhai! exclama elle, estes bispos e cardeaes de Roma! estes dignos ministros que cercam o throno da Besta! estão sempre occupados com novas iniquidades e não se cançam de commetter novos crimes. Estes infames não se satisfazem em viver com os jovens diaconos na mais desbragada depravação; vão alem, incitam o clero das provincias a imital-os. Em todas as Igrejas os padres despresam o serviço divino, deshonoram o sacerdocio por suas impuresas, enganam os povos por sua hypocrisia, renegam Deus por suas obras, provocam os escandalos das nações, forjam rosarios de iniquidades para avasalar os homens. São cegos que se precipitam no abysmo e arrastam consigo os simples que os seguem.

«Olhai estes monges, a impostura e a hypocrisia abrigão-se sobre seus capuzes; o capello cobre todos os vicios, a voracidade, a cupidez, a avareza, o luxo e a sodomia.

«Olhai emfim estes conventos de freiras! A Besta levantou seu leito n'estes dormitorios, todos os leitos estão maculados dos mais horriveis deboches.

«Não é mais a Virgem que estas filhas abominaveis tomão para modelo; e sim Phrynéa e Messalina; não é mais deante de Christo que se curvão e sim diante Priapo. O reino de Deus chegou ao seu fim e o do Anti-Christo principiou; um direito novo vem substituir o antigo; emfim não ha mais moral, dogma, culto, temos chegado ao tempo que foi annunciado no Apocalipse.»

(M. De La Chatre)

Rapida noticia sobre a Papisa Joanna (*)

Durante muitos seculos a historia da papisa Joanna foi considerada pelo proprio clero como incontestavel; porém posteriormente, os ultramontanos, comprehendendo o escandalo e o ridiculo que o reinado de uma mulher devia lancar na Igreja, consideraram fabula digna do desprezo dos homens esclarecidos, o pontificado desta mulher celebre. Outros mais justos defendem-a, mostrando que a papisa illustrou seu reinado pelas suas luzes e pela pratica das virtudes christã.

O fanatico Baronius considera a papisa como um monstro que os atheus e os hereticos tinham evocado do inferno por sortilegios e maleficios; o supersticioso Florimundo de Raymond compara Joanna a um segundo Hercules que tivesse sido enviado pelo céo para esmagar a egreja romana, cujas abominações excitaram a colera de Deus. Porem a papisa foi victoriosamente defendida por um historiador Inglez chamado Alexandre Cook.

Longas disputas se tem dado entre catholicos e protestantes, torna-se pois necessario entrar em detalhes d'uma vida tão extraordinaria.

Em seo libello o P. Labbi accusava João Hus, Jeronymo de Pragne, Wicief, Luthe-ro e Calvino, de serem os inventores da historia da papisa; esta accusação é desfeita, se considerarmos que Mariannus, escreveu a vida da papisa 150 annos antes.

A prova mais irrecusavel da sua existencia encontra-se precisamente no decreto que foi publicado pela côrte de Roma, tendo em vista prohibir collocar Joanna no catalogo dos papas.

«Assim accrescenta o imparcial Launoy não é justo sustentar que o silencio que se guardou sobre esta historia, nos tempos que se seguiram immediatamente a aventura, seja prejudicial á narraçào que foi feita mais tarde. E' exacto que os ecclesiasticos contemporaneos de Leão IV e de Benoit III, por um zelo excessivo pela religião, não fallaram desta mulher notavel; porem seus successores menos escrupulosos, descobriram o mysterio.....»

Todo o mundo é concorde em reconhecer que Mariannus era um escriptor judicioso, imparcial e veridico; alem de que sem caracter de padre e o devotamento que sempre mostrou á Santa Sé, não permite suspeital-o de parcialidade contra a Egreja Catholica.

Mariannus não é um monge fraco ou vizonario, tanto assim que deo provas incontestaveis da ligação que tinha á côrte Romana, defendendo com grande coragem o papa Gregorio VII contra o imperador Henrique IV.

Os jesuitas nada podendo oppôr a Mariannus, passaram a declarar sem valor as copias das obras de Mariannus, mas os manuscriptos existem nas Bibliothecas d'Allemanha, França, Oxford e do Vaticano.

(*) Para maiores esclarecimentos consulte-se «Histoire des Papes» por Maurice De La Chatre. Existe no Club 12 de Agosto.

Assim segundo os testemunhos mais irrecusaveis e authenticos, está demonstrado que a papisa Joanna existiu no nono seculo; que uma mulher occupou a cadeira de S. Pedro, foi vigario de Jesus Christo sobre a terra e foi proclamada soberano pontifice de Roma.

(Continúa)

— « » —
Os jesuitas

« A Verdade » levou a citar palavras dos jesuitas e entre outros a do jesuitas Boothauu. Para que este fique conhecido vamos citar o que a respeito da Companhia de Jesus dizia elle quando Geral da mesma na conferencia de Chrieri:

« Nosso seculo é extranhamente delicado. Julga elle que a cinza das fogueiras estejam totalmente extinetas? Que não tenha ficado o menor tição para acender uma vela? Incensatos! Chamando-nos «Jesuitas,» elles julgão cobrir-nos de opprobrio! Porem estes Jesuitas lhes reservão a censura, a mordaga e o fogo... «... E, um dia, serão os senhores de seus senhores».

(Veja G. Mabru)

— « » —
O BREVE

Clemente XIV ao assignar seu Breve «Dominus at Redemptor» exclomou:

«Nós não nos arrependemos de nossa obra... Não nos determinamos fazel-a senão depois de bem examinada e bem pensada. Acredito que tinhamos um dever em a executar, e outra vez a fariamos se já não estivesse feita: mas isto custar-nos-ha a vida».

Assim foi. No dia 22 de setembro de 1774 morria envenenado pelos jesuitas.

Decreto de 4 de Dezembro de 1808, assignado por Napoleão Bonaporte:

Art. I. O tribunal da Inquisição é abolido, como attentatorio á soberania e á auctoridade civil.

Art. II. Os bens pertencentes á Inquisição são postos sob sequestro, e reunidos ao dominio da Hespanha, para servir de garantia aos vales e para todos os effeitos da divida publica.

— « » —
A MAÇONARIA

Emquanto a Revolução Franceza não tiver implantado em nessa sodiedade todos os pontos de seu magnifico programma, ninguem tem o direito de dizer que a obra está finda, e a Franco-Maçonaria continuará a sua. Recordai-vos pois, vós que d'ella fazeis parte que «foi do fundo de vossas lojas que surgiram, a principio á sombra, depois a meia luz, e emfim a luz meridiana, os sentimentos que acabaram por conseguir a sublime explosão da qual fomos testemunhas em 1789». (Lamartine)

Veja-se G. Mabru, laureado do instituto. E nós apenas citamos esta passagem para ficarem certos que a nossa moral não teme a Luz.

O REQUERIMENTO

Tu bi or not tu bi, vil in despached mai requeriment or not.

Shakspeer

Cá delle o requerimento
Que te dei para despachar
Vou pedir ao nosso chefe
Para vêr se elle me dá.

— Procura meu bem procura
Já que eu não posso achar
— Já procurei sim senhor
Mas não o pude encontrar.

— Andei com elle ás voltas
E perdi-o não me engano
— Vê se está na latrina
Ou na meza do Caetano.

— Não está aqui nem lá
Já fui ver até no canno,
— Dá um pulo lá em baixo
E pergunta ao Marciano.

— Quero já o despachar
Emquanto isto não esfria
Se demorar, manda-me o Pedro
Com certeza segunda via.

Eu por mim acho melhor
E para isto ter fim
Oh! Caetano diz ao Pedro
Que mandei dizer que sim.

Por escripto não dou nada
Porque acho isto torto
E começam a dizer-me
Oh! Vidal tú estás morto.

— « » —
DECEPÇÃO

Um pregador fazendo o historico do martirologio do filho de Deos dizia:

Paraí senhora.
Não vos aproximeis, porque não series capaz de reconhecer a phisionomia do vosso amado Filho, tão alterada está pelos sevicios que a turba infame lhe applicou.

Sobre sua fronte repousa a corôa de espinhos.

Seus membros torturados são vistos por entre os rasgões de sua alva tunica, como alva era a sua consciencia.

O spectaculo é lugubre, tetrico.
Confranja-se o vosso coração.
Olhai sua tunica! Volta-se para o filho de Deos e estaca.

Qual a razão?
A tunica tinha sido substituida, obra de Laton. O Filho de Deos que era pobre tinha agora sobre seus Divinos hombros uma tunica de velludo, toda coberta de ouro.

— « » —
ENSINO RELIGIOSO

«A Instrucção religiosa é incontestavelmente, poderoso elemento de propaganda em prol do catholicismo, porém assáz funesta á sociedade, á Nação e á Humanidade».

Dario Vellozo.